

## SERRA DO RONCADOR - EL DORADO

Dhâranâ nº 67 a 69 – Julho a Setembro de 1931 – Ano VI

Redator: Henrique José de Souza

No artigo que publicamos no “O Fluminense” de 15 de Janeiro de 1930, com o título de “Sonho de Gigantes”, tocamos ligeiramente no assunto que se prende à legendária cidade chamada “El Dorado”, para a qual foram atraídos o célebre explorador Cel. Fawcett e seu filho, em busca dos quais têm sido organizadas várias expedições – inclusive a do explorador Dyott que, embora todos os seus títulos honoríficos, outra coisa não veio aqui fazer, senão, dramatizar as peripécias de sua viagem, através de uma novela de que tinha uso exclusivo a “North American Newspaper Alliance”. Daí, as fantasias que o mesmo criou em torno do desaparecimento do Cel. Fawcett, seu filho Jack e o explorador norte-americano Raleigh Rimell, membros daquela expedição. Daquele nosso artigo, simplesmente iniciático, faz parte o seguinte trecho: “Já os antigos chamavam a região do legendário Danúbio ‘região de lenda e de mistério, cheia de poesia prometeica’, a mesma que serviu de base a Wagner – um dos maiores gênios inspiradores da Humanidade – para escrever “O Oiro do Reno”, ou uma das preciosas jóias de que se compõe o seu drama litero-musical. Com efeito, a região sul da Alemanha, chamada Schwarzalpe ou “Selva Negra”, faz-nos lembrar o da princesa Serazade <sup>3</sup> das “Mil e Uma Noites” (1001 ou duas vezes a palavra ‘IO’ ou Isis), é a região onde nasce aquele rio e... ‘onde as fadas guardavam o oiro...’, o poético ‘Rhin ou Rheno’, nome que, por sua vez nos lembra o do ‘reino das Fadas’”.<sup>4</sup>

Do mesmo modo, aquela “Selva Negra”, é a mesma que Dante canta na sua “Divina Comédia”:

Nel mezzo del cammin di nostra vita  
Mi ritrovai per una *selva oscura*,  
Che la *diritta via era smarrita*.

<sup>3</sup>

Sherazade – nota do digitador

<sup>4</sup> Chamamos a atenção dos nossos ilustres leitores para as duas maravilhosas obras desse outro incomparável “gênio inspirador da Humanidade” que tem o nome de Mario Roso de Luna: “As Mil e uma Noites Ocultistas” e “Wagner Mitólogo e Ocultista”. Nota da Redação

... Era uma vez uma cidade encantada, toda de ouro e prata. Banhava-a um grande lago, cujas águas lhe serviam de espelho, assente em leito de diamantes e safiras. Jamais se soube que dragão tremendo a guardasse ou defendesse...

<sup>7</sup>

Eh quanto a dir qual era, e cosa dura  
Questa *selva selvaggia* ed aspra e forte  
Che nel pensier rinnova la paura!  
Tanto e amara, che poco e piu morte,  
Ma, per trattar del ben ch’i v’o scorte.  
Y non so ben ridir com’io v’entrai;  
Tanto era pien di sonno in su quel punto  
Che la verace via abbandonai...

Essa “Selva ou Floresta Negra” – chamemo-la simbolicamente de *Avidya* ou da Ignorância em que vive a Humanidade, a respeito da Verdade – se acha ao pé do famoso monte “Jungfrau”, isto é, *virgem*... tal como as nossas imensas florestas “negras e virgens”, por não terem sido até agora pisadas pelo chamado “homem civilizado”... e *banhadas pelo rio Xingu*, o qual, por sua vez, nasce em outro “monte”, com o nome poético de “Serra Azul”, no Estado de Mato Grosso, e que, depois de um percurso de 1980 quilômetros, vai desaguar no colossal Amazonas, banhando toda uma *região de lendas e de mistérios*... onde dizem existir uma “Cidade maravilhosa, coberta de ouro e pedrarias, habitada por um povo privilegiado... reminiscência, talvez, de alguns sobreviventes da famosa Atlântida de Platão...! Ninguém ignora que foi para aí que, arrastados por uma força irresistível – tal como sói acontecer com o Polo Norte e outros lugares misteriosos – desapareceram o célebre explorador Cel. Fawcett e seu filho

Jack...”

Hoje, porém, o nosso intento é bem outro, ou seja, o de transcrevermos um telegrama que o Sr. Adriano Vasconcelos enviou para o conhecido vespertino carioca “O Globo”, publicado nos primeiros dias de Janeiro do ano passado.

Conforme se verá pelo dito telegrama, o Sr. Adriano Vasconcelos se deu ao trabalho de apurar, tanto quanto possível, o que havia de verdade sobre a existência da “cidade maravilhosa” a que dão o nome de *El Dorado*, citando o testemunho de pessoas mais ou menos informadas a respeito, que habitaram o Brasil colonial.

Senão, vejamos:

LISBOA, 5 de novembro de 1928.

Até nós chegou o eco das aventurosas expedições do coronel Fawcett e do comandante Dyott, o primeiro dos quais foi trucidado por índios bravos (dizem que foi...) e o segundo apareceu no Amazonas com a notícia de que, por pouco, sofrera a mesma sorte do primeiro. E, a propósito, falou-se muito de uma cidade em ruínas, perdida no sertão brasileiro, lá para os ermos do rio Xingu. Não queremos intrometer-nos em contendas nem em bate-bocas. Longe disso. Temos, porém, a intenção de trasladar para aqui o que nos foi possível apurar com respeito à existência da misteriosa cidade, citando o testemunho de alguns homens de outrora, mais ou menos informados a tal respeito. Depois disso, cada qual que pense como quiser, que a nós tal não nos fará moça.

### **PRIMEIRA TESTEMUNHA: ROBERIO DIAS**

No princípio do século XVII, entre 1620 e 1625, esteve encarcerado na cadeia da Bahia um tal Roberio Dias, aventureiro audacioso e explorador incansável do sertão, que estava então sendo devassado pelas “bandeiras” paulistanas, na febre de descobrir minas

de ouro, de prata e de pedras preciosas. Ora, este Roberio Dias, vendo-se privado de liberdade, informou o governador da capitania, D. Francisco de Souza, de que descobrira no interior do Brasil uma grande cidade em ruínas e desde há muitíssimo tempo desabitada, tão extraordinariamente rica que tudo nela era ouro, prata e pedras preciosas: os alicerces e as paredes, e os telhados dos edifícios, o lagedo das ruas, os utensílios domésticos, as mobílias, etc. Um relato fantástico que faz lembrar os contos orientais, tais como eles nos são sugeridos pela imaginativa Serazada, nas “Mil e uma noites”! Roberio Dias dizia-se disposto a dar todas as indicações acerca do local preciso onde ficava a cidade, se lhe dessem compensações. Queria entrar na fidalguia com o título de Marquês das Minas, e para dourar os brasões, uma parte das riquezas encontradas. Parece que se andou com o homem em bolandas, a ver se ele falava a troco de nada – ou de promessas, que é o mesmo... Mas Roberio Dias, não adiantou cousa alguma e morreu na prisão, levando para a sepultura o seu segredo – se é que possuía algum segredo.

### **SEGUNDA TESTEMUNHA: ANÔNIMOS AVENTUREIROS**

No século XVIII, em data incerta, alguns exploradores, daquela raça de aventureiros de que se compunham as Bandeiras, redigiram um memorial, acerca da existência da tal cidade. O documento está publicado nos anais do Instituto Histórico e Geográfico, conforme se lê no “Ostensor Brasileiro”, ano de 1845, à página 132.

### **TERCEIRO DEPOIMENTO: CÔNEGO BENIGNO JOSÉ DE CARVALHO**

O “Ostensor Brasileiro” noticia também que o Instituto Histórico e Geográfico encarregou o cônego Benigno José de Carvalho, aí por alturas de 1841, de investigar o local onde se encontraria a misteriosa cidade. O sacerdote referido encetou diligências com tal objetivo e chegou a comunicar a douta Academia que estava trilhando boa pista, mas, que saibamos, nada de certo e positivo foi afinal apurado.

### **QUARTA TESTEMUNHA: O JESUÍTA JOÃO MANOEL**

Em 1767 (pouco mais ou menos) faleceu nos cárceres de São Julião da Barra, perto desta cidade de Lisboa, o padre João Manoel, jesuíta missionário que, durante dezoito anos, devassou duas margens do Amazonas, adquirindo, portanto, largos

conhecimentos locais. Para consumir os anos de prisão, que foram muitos, o padre João Manoel escreveu um tratado acerca do Amazonas, existindo publicada a sua quinta parte, que especialmente e exclusivamente versa as riquezas da flora amazônica e o processo mais adequado para a exploração agrícola das terras. À obra deu o seu autor o título de “Tesouro descoberto no máximo rio Amazonas”. As outras partes do original extraviaram-se. Quis, porém, o acaso que, manuseando velhos manuscritos existentes na Biblioteca Nacional de Lisboa, encontrássemos um fragmento do original perdido, fragmento que pertence à terceira parte, tratando especialmente, conforme diz o padre João Manoel, das “Minas de ouro, prata e diamantes da região do Amazonas”. Nesse documento fazem-se curiosas referências à lendária cidade. Eis o que escreveu o desventurado jesuíta: “Para cima do rio Negro, ou pela sua altura ou entre ele e o grande rio Japurá, se discorre estar o celeberrimo lago de ouro e a cidade de Manoá, por cujo descobrimento se têm cansado muitos aventureiros, porém ninguém dá com ele, ao mesmo tempo que todos afirmam a sua existência. Um grande missionário jesuíta, que foi fundador de quase todas as missões que há no rio Solimões e divide este até ao Pongo, diz que o lago do ouro se chama Parimá, e que a cidade de Manoá se encontra entre os rios Urubu e Negro, tendo colhido estas informações dos índios com quem conviveu diariamente. As primeiras notícias, que se espalham acerca do lago Parimá dizem que as margens,

areias, leito e montes abundam em ouro; que a cidade de Manoá está edificada na margem do lago ou muito perto e que as ruas, paredes, telhados, mobílias e utensílios domésticos, tudo é ouro, prata e pedras preciosas; e que quando tudo isto se descobrir, as riquezas serão imensas, quase inexauríveis. E nem pareça ao leitor – acrescenta o padre João Manoel – que é tesouro sonhado o do dito lago por não se ter até agora descoberto, porque devem saber que os moradores do rio Amazonas apenas frequentam as suas margens e ainda que, se alguns têm subido pelos rios, não entram no interior das matas, sob pena de se perderem, por causa do labirinto dos lagos, rios e ribeiros e da inextrincável densidade da vegetação”.

Noutra parte do seu manuscrito o padre João Manoel acrescenta:

“Aquele grande lago que dizem os índios haver no centro dos seus matos, é, segundo alguns, situado não longe da margem do rio Xingu, e segundo as tradições, a cidade de Manoá fica também próxima, mas os matos são apenas frequentados por feras e índios bravos, de modo que ainda nenhum português lá conseguiu chegar. Houve, é certo, um audacioso que se internou, mas voltou para baixo, dizendo somente que naquelas paragens havia gado *vacum*, mostrando, para prova, um enorme chifre que lá encontrara.”

### **DEPÕE AGORA, EM QUINTO LUGAR, O PADRE VEBENTENDORF**

Um outro jesuíta, o padre Vebentendorf, que veio preso para a Metrópole quando foi da expulsão da Ordem em Portugal e Domínios, acusado de ter pretendido insurgir os índios contra a autoridade metropolitana e seus delegados – o padre Vebentendorf escreveu e publicou a “Crônica dos Varões Ilustres da Companhia na Província do Maranhão e Pará”. Refere-se o jesuíta, que era homem douto, especialmente conhecedor do sertão brasileiro, à existência do lago de Parimá e da cidade de Manoá, mencionando as fabulosas riquezas por aqueles lados ocultas, parecendo convencido da realidade de tudo quanto relata.

### **SEXTO DEPOIMENTO: O SÁBIO FRANCÊS CONDAMINE**

Na primeira metade do século XVIII a Academia de Ciências de Paris enviou ao Amazonas uma missão encarregada da medição dos graus terrestres. A missão era composta de três sábios qualificados, sendo um deles Condamine que em 1755 publicou um relatório que lemos traduzido para a língua espanhola, com o título de “Extrato del Diario de Observaciones”, e onde se faz relato da travessia de Condamine, desde Quito até ao Pará. O sábio francês refere que nas bocas do rio Yupurú fundou um português, o capitão Pedro Teixeira, a Aldeia do Ouro, conseguindo que os índios lhe dessem pepitas de ouro com 23 quilates. O capitão Teixeira ergueu um padrão tomando posse das terras

em 26 de agosto de 1639. Uma cópia do auto deve existir nos arquivos do Pará, onde o próprio Condamine diz tê-lo visto. O astrônomo francês Condamine conheceu, também, um missionário espanhol, chamado Acunha, que então tinha 80 anos, mas que na sua mocidade, soubera da fundação da aldeia do Ouro e conhecera pessoalmente o capitão Pedro Teixeira – audacioso explorador que, diga-se de passagem, foi o primeiro homem civilizado que fez a travessia do Amazonas, do Atlântico ao Pacífico, ida e volta entre o Pará e Quito. Há, ainda, um outro sacerdote, padre Fritz, que conversou com Condamine e que este cita. Ora, todos esses homens afirmavam a existência do lago Parimá e da cidade de Manoá, embora apenas por tradição oral, colhida dos índios do interior das matas virgens. Apesar de tudo isto, que localiza o lago e a cidade nas proximidades da aldeia do Ouro e nas terras da margem direita do Amazonas, Condamine acreditou que o Parimá e Manoá existiam de fato, mas na margem esquerda, isto é, na Guiana, que o francês supunha ser uma ilha cercada pelas águas do Oceano, do Orenoco e do

10

Amazonas. No seu entender, a cidade de Manoá ficaria no centro da Guiana, não longe do grande lago Parimá.

### **UM ALEMÃO QUE NÃO ENCONTROU NADA...**

Nicolau Horfteman, célebre explorador germânico que percorreu as terras entre o Oceano e o rio Branco, procurou Manoá e Parimá, mas confessa que nada encontrou.

### **OITAVA TESTEMUNHA: O SARGENTO-MOR CAMPOS**

Em 1687 vivia no interior amazônico o sargento-mor Campos, que afirma ter conhecido índios da nação Manoá, que vinham do interior a comerciar e que, por sua vez, afirmavam ter recebido dos seus companheiros que expunham a comércio, por sinal que ostentavam por adornos, jóias toscamente fabricadas com ouro, prata e pedras preciosas. Esses índios diziam que a cidade de Manoá e o lago de Parimá ficavam muito no interior das matas, entre os rios Xingu e Araguaia. Descreviam a região como fabulosamente rica em metais e pedras preciosas.

### **NONA TESTEMUNHA: SANT'ANA NERY**

Na obra “Le Pays des Amazones”, por Sant’Ana Nery, 1885, lê-se o seguinte, que tomamos a liberdade de traduzir:

“A lenda afirma que existiu algures uma região atravessada por uma ‘mar branco’, cujas ondas rolavam sobre areias auríferas e calhaus de diamante. A capital do país era Manoá, grande cidade, cheia de palácios, dos quais uns eram edificadas com pedras cimentadas a prata e outras tinham tetos feitos com lâminas de ouro. Sob os pés rolavam metais preciosos... Manoá era depósito de todas as riquezas, da terra... Reinava nesse país um espanhol que se chamava *El Dorado*, porque o corpo era palhetado de faisqueiras de ouro, tão bastas como as estrelas do firmamento”.

### **DÉCIMA TESTEMUNHA: UM DESCONHECIDO**

Na obra já citada, diz o padre João Manoel, que um português penetrou nas matas do rio Xingu e trouxe a notícia de que avistara o lago Parimá e a cidade de Manoá do cimo de altíssimas serras, mas que não pudera acercar-se mais, porque fora descoberto pelos índios bravos e só à velocidade do seu cavalo devera a salvação. Acrescentou que por aqueles lados havia tanto ouro, que estavam à flor da terra, mas que por falta de escravos não pudera trazer, senão algumas amostras, que expunha aos olhos de todos com quem falava. Este aventureiro cogitava na forma de ir explorar as minas que descobrira, quando adoeceu e morreu. Sentindo a morte próxima confessou-se, mas o que ele disse ao confessor jamais se soube. Isto passou-se no Pará, cerca do ano de 1640. Pouco tempo depois da morte do aventureiro, desapareceu da cidade o seu confessor, de quem nunca mais houve notícias.

### **ÚLTIMO DEPOIMENTO: JOÃO DE GODOY**

Entre os paulistas do século XVIII, era corrente a lenda da existência de Parimá e

Manoá (que alguns diziam ser antes Maoaná) e todos os sertanistas afirmavam que a região devia ser no centro das terras entre o Araguaia (ou Araranguaya, como eles grafavam) e o Xingu. Aos índios habitantes da região chamavam Araés. Um dos mais célebres bandeirantes, que foi companheiro do coronel Campos, do Anhanguera e de

11  
muitos outros sertanistas afamados, foi João de Godoy Pinto da Silveira. Eis o que ele deixou escrito:

“Uma Bandeira de 300 armas explorou, em 1756, o rio Araranguaya, comandada pelo coronel Amaro Leite e pelo major João da Veiga Bueno, com o objetivo de percorrer o sertão dos decantados (sic) Araés, que habitam para além daquele rio, na altura de 10 graus, pouco ou mais ou menos, e onde, segundo antigas tradições dos sertanistas paulistanos, existem enormes riquezas. Deixando a margem do Araranguaia, esses bandeirantes internaram-se para os lados do poente, mas encontraram tal resistência nos índios da região que tiveram de bater em retirada. Pouco depois, morreu no sertão, o segundo cabo João Bueno da Silva e a Bandeira dissolveu-se, recolhendo parte dela à vila Boa de Goiás, outra parte ficou com Amaro Leite, nas minas por ele descobertas e exploradas, e ainda uns restos desaparecera pelos matagais. Sei ainda que mais abaixo das matas dos Tapirapés, pela altura aproximada de nove graus, habitam os índios Guapindayés, que são muito ferozes e perseguem os índios mansos das margens dos rios. O capitão-mor João Lemos da Silva quis conquistar a região, pondo-se à frente duma Bandeira de 100 homens escolhidos, mas também não foi feliz, desistindo da empresa que reputou superior às forças da Bandeira. Afirmou ainda que o coronel Bartolomeu Bueno da Silva, cognominado Anhanguera e muitos outros sertanistas são de opinião que os Araés habitam para aqueles lados, longe dos rios e em terras extraordinariamente ricas de metais e pedras preciosas”.

### **ESTÃO OS AUTOS CONCLUÍDOS...**

Ouvimos as testemunhas. E agora? Resta proferir a sentença. Veja o leitor se concorda com ela.

Existe desde a mais remota antiguidade a lenda da existência da cidade de Manoá e do lago Parimá. Donde veio a versão primária? Dos índios que habitavam ao tempo das primeiras invasões dos civilizados no sertão brasileiro, a região que se estende pelas duas margens do Amazonas, mais especialmente entre os rios Araguaia e Xingu. Como se formou a lenda? Pela tradição oral entre os índios. Desde quando? Aqui começa o mistério. Só é lícito formular-se hipótese. Não nos repugna admitir que a tradição foi originada nos tempos mais remotos da nossa pré-história, possivelmente na época da submersão da Atlântida, continente desaparecido mas cuja existência muitos sábios defendem e dão como provada.

E quem quiser saber mais e melhor, destruindo todas as dúvidas e todas as hesitações, não tem senão que fazer as malas e ir percorrer, em todos os sentidos, as centenas de léguas quadradas de terras virgens que dormem, desde o *princípio do mundo*, entre os rios Araguaia e Xingu. Por agora, não vemos outros meios de aclarar o caso. Quanto ao futuro, é diferente: mais tarde ou mais cedo, e provavelmente, antes cedo que tarde, o avião decifrará o enigma.

H. J. Souza